

STEPAN
NERCESSIAN
GARIMPO
DE ALMAS

TORDSILHAS



Stepan Nercessian

Garimpo de almas

TORØSILHAS

*Ao dr. Eurípedes Barsanulfo.
Aos que me ajudaram a viver até aqui.
Aos que me ensinaram tudo o que sei
e o que não sei ainda.*

Tenho inventado muitas histórias a meu respeito. Algumas boas, outras ruins. Ora apareço como herói intergaláctico, inverossímil, ora como um elemento reles, vil. Transito entre extremos, evitando o centro, e talvez seja no centro que resida o meu verdadeiro eu. O centro é sem graça, sem brilho, previsível e tedioso.

O que sou de fato não é para ser mostrado. A minha função é ser depósito de minhas próprias ilusões. Quem

se interessaria por um mero homem, de idade avançada, que come e dorme, nada mais que isso?

Apegado a vícios rotineiros, sem fleuma, vícios de gente medrosa, vícios de quem tem medo de vícios. Fumo e bebo. Bebo muito. Bebo até apagar, esquecer quem sou e quem não sou. Sou viciado em covardias.

Tenho unhas sujas, dentes amarelados e não desperto desejo sexual em mais ninguém. Um cachorro no cio, porém castrado. Meu saldo bancário é um retrato falado de minha existência: ridículo, negativado, tosco.

Não custa lembrar que nem sempre fui assim. Já tive olhos vivos, respiração correta. Meus cabelos lisos voavam quando eu descia ladeiras equilibrado em uma bicicleta, comprada com o suor de meu rosto, suor de trabalhador infantil. Já fui útil, simples, normal e feliz. Tive muitos amigos, era querido, esperado, comentado e íntegro.

As meninas me comparavam com artistas famosos. Eu era a cara de Elvis Presley, eu tinha uma pinta no rosto tal qual a Rita Hayworth, que nem sequer tinha pinta no rosto, eu falava bem, feito um Juscelino Kubitschek de Oliveira e, mesmo ruim de bola, tinha vaga no time.

Fui menino de sorte, daqueles que achavam dinheiro na rua. Mais que isso: achei pulseira de ouro, linda, ouro legítimo. Sorte em quilates. Da vida, nada tenho a reclamar, reclamo é do que fiz com ela.

Acho uma sacanagem ter que esperar o tempo passar para poder olhar para trás. Isso só produz mágoas e arrependimentos. Seria bom poder corrigir a vida aos poucos, à medida que ela fosse acontecendo. Errou, passa uma borracha, apaga, volta uma casa, joga os dados novamente, segue em frente. Mas não é assim que a banda toca. A regra do jogo é enfrentar tormentos, carregar fardos, pisar em espinhos, salgar feridas e, para cada punhadinho de festa, toneladas de dor.

Assim fui vivendo, gastando tempo, desperdiçando emoções, amando e machucando muitas pessoas, sendo amado e machucado por tantas outras. Hoje, só me arrependo do futuro.



Precisei garimpar palavras, sons, gestos. Buscar sinais vitais, vestígios que me fizessem lembrar o que era ser gente. Dediquei tardes aos cultos religiosos e madrugada ao ofício sexual. Por onde andei havia tristeza, medo, doenças contagiosas e melancolia. Em que caverna estaria o mapa do meu passado, qual seria de fato a minha verdadeira biografia?

Na aula de Geografia, o professor ensinou que ilha era um pedaço de terra cercado de água por todos os lados. Viver me ensinava que vida era um pedaço de

tempo cercado de morte por todos os lados, e eu percebia que o homem era uma ilha cercada de tédio por todos os lados – e eu estava só.

A rotina é a carcereira da existência, coveira dos sonhos. Nada mais lacônico, triste e desanimador que uma vida sem surpresas.



Ontem foi meu aniversário. Não me levantei da cama. Estive sozinho na véspera e estou sozinho agora. As dores no peito e a dormência nas pernas estão insuportáveis. O pó de café acabou, e aproveitei a borra que estava no coador para passar outro. Gosto horrível, intragável, fraco e deprimente, tal qual o aniversariante.

O telefone foi cortado por falta de pagamento. Mas que falta pode me fazer o telefone se as últimas ligações vieram justamente da companhia telefônica, avisando que a conta seria bloqueada? Melhor assim. Com o dinheiro curto, dei preferência aos analgésicos (esses, ao menos, me aliviam temporariamente a dor).

José, o porteiro, deixou de falar comigo e coloca a correspondência por baixo da porta. Deixou de falar comigo, porque o síndico o convenceu de que não podia aumentar o seu salário devido à inadimplência de moradores relapsos como eu. O Zé acreditou

e diz para todo mundo que sou o maior filho da puta. Talvez o Zé tenha razão.

Os trajes estão se modificando e os costumes também. A natureza muda seus contornos conforme vai sendo pisada e usada. As montanhas se achatam e viram vales. Vales são montanhas deprimidas, vales de solidão. É possível que eu esteja me modificando junto com as coisas, mas também é possível que eu tenha sido mais que um, mais que dez, mais que mil. Sou homem, menina moça e ainda serei virgem dos infernos.

A praga pegou. Não tive muitas felicidades, mas muitos anos de vida, sim. Dia do meu aniversário, que dia tão feliz. Estou só, mas nem sempre foi assim. Olho a fotografia na parede e vejo todos em volta da mesa. Azeitona, queijo e salsicha espetados no palito, garrafas gigantes de refrigerante, fatias de bolo, copos de papel e uma vela azul que apaguei com o sopro forte de um pulmão inocente e limpo.

Não entendo por que apagar a vela. Muitos anos de vida e apago a vela. Vela apagada combina mais com morte, com fim, do que com vida. Mesmo sem concordar, assopro e assim venho apagando velas ao longo da vida. Por quê?

Ganhei uma chuteira preta, uma bola de cobertão número 5, short azul, camisa amarela da seleção. Ganhei

uma cueca, um par de meias Lupo, um cortador de unhas, chicletes, um livro, lápis de cor, chocolate, brilhantina e o olhar apaixonado de Sueli.

Foi uma festinha barata, simples, mas feita com muito carinho, afirmava minha mãe. Para cortar o bolo era preciso esperar a chegada do meu pai. Ele nunca chegava na hora, mas, quando chegava, compensava o atraso com um caminhão de beijos e sorrisos. Meu pai me deixou saudades.

Do bolo para a rua. Eufórico, dei o primeiro chute na bola nova, para o alto. Pisei no cadarço da chuteira e me estaquei no chão. Ralei joelhos, cotovelo, nariz e os lábios que Sueli não beijou. O cheiro do bolo deu lugar ao iodo, mercúrio e lágrimas.

As festas foram se repetindo. Mudavam os presentes e os presentes que os presentes me davam. Mudava a comida, a bebida e mudavam os ausentes. Os ausentes acabaram por formar a maioria absoluta e, hoje, superlotam esse quarto infecto de um aniversariante a quem ninguém mais deseja muitos anos de vida, nem ele mesmo.

A realidade é minha inimiga. Ela me tolhe, me inibe. Não suporto ser apenas o que sou e, por isso, vim habitar a casa da imaginação. Neste momento em que a fome dilacera minhas vísceras e a sede atormenta minha alma, viajo, fujo da peçonhenta realidade e aterrisso,

leve e garboso, na terra do que posso ser. Minha realidade é a mentira, e vou mentir até que realidade ela seja.

Eu era menino e chorava o desconforto das fraldas molhadas, como choro hoje as saudades do que já fui. Derramo nos copos da frustração lágrimas inexpressivas, sem sal, e finjo que não vejo olhares que não me veem, apenas observam, criticam, desprezam.

Projeto-me para longe e aqui estou, sentado na primeira cadeira da primeira fila desse primeiro ano de ginásio. Demonstro a todos o desejo de aprender a lição. Álgebra, números múltiplos, máximos e mínimos, divisor comum. Elevar tudo à quarta potência, fracionar, fatores, geometrias inúteis para o desenho tortuoso de uma vida. Matemática me reprova, me tortura. Matemática me batiza de incompetente e dita a sentença cruel: quem não sabe fração não saberá nada, nunca.

Mas quem sabe serei salvo pela linda e delicada professora de Português? Quem sabe?

E foi ligada uma turbina de jato no meu pequeno coração adolescente. O sangue veio para a garganta com a força de um estrangulamento. Pernas bambas, pensamentos trêmulos. Amor, paixão. O quadro-negro, o apagador, o giz. Assisto aos lábios da professora, mergulho em seus olhos, viajo entre suas pernas, beijo os seus seios e não me concentro mais na matéria.

Analisar morfológicamente a frase “o estudo é a luz da vida”. Sujeito, predicado, verbo. Análise morfológica é como um açougueiro descarnando uma novilha, pedaço por pedaço, buscando a intimidade das partes. Os verbos transitivos diretos, indiretos e eu amando em segredo minha professorinha, sonhando com uma aprovação. Se existe paixão, ela frequentou comigo as aulas de Português.



Quando me lembro do mundo, no meio dele aparece um parque de diversões. Não são cenas de guerra ou de crianças famintas. Não tem glamour, autoridades apertando as mãos. Não tem tratados de paz, guilhotinas nem grandes incêndios. Quando me lembro do mundo, aparece sempre um parque de diversões.

O parque e seus brinquedos. As gambiarras de luz, o cheiro e a sensação de uma felicidade possível. Não é nenhum parque internacional, rico e repleto de turistas cheirosos. Não. Meu parque de diversões não é a Disneylândia, é um parque singelo. Tem *dangler*, aviãozinho, barcas que voam e gente simples. Não tem tickets. Tudo é pago em dinheiro vivo. Um dinheiro sujo, amassado, vindo das mãos de feirantes, sapateiros, engraxates. Um parque-celebração.

“Divirtam-se a valer enquanto este parque neste glorioso bairro permanecer.” Este som que saía do alto-falante me ensinava tanto quanto a escola. Talvez até mais. As palavras cravavam minha alma e piscavam. “Divirtam-se.” Era uma ordem, uma ordem doce. Não era “vai dormir”, não era “para de chorar”, não era “vai cortar as unhas”, “pentear os cabelos”. Era “divirtam-se”. Era tudo o que eu queria ouvir. E no plural.

Chamar meu bairro de glorioso. Que honra, que vitória. Aquele bairro relativamente pobre, feito de lama e matagal, de repente era chamado de “glorioso bairro”. Que coisa linda, que emoção, parecia o hino nacional.

Em uma tardezinha, quase noite, quando estava indo ao parque de diversões, me horrorizei com o espancamento de uma mulher. No quintal de sua casa, mais terreno baldio do que quintal, entre as flores silvestres e a horta de alfaces, perto da latinha com cebolinha verde e dos pés de manjerição, ao lado da hortelã, pisoteando meia dúzia de galinhas e um filhote de coelho, misturando seus gritos com o latido dos cachorros, eu vi uma senhora ser duramente espancada.

Quem batia era o marido. Exatamente. O marido, pai dos filhos, a espancava duramente. Ele era bruto, bem maior que ela e enfurecido. Ele não batia com as

mãos. Batia com um pedaço de lenha. Ela corria desesperada, levantando os braços, chorando, tentando se defender. Já havia sangue escorrendo pelo rosto. As crianças pequenas gritavam, pediam ao pai que parasse com aquilo. Os vizinhos espiavam, e o Sol se despedia, deixando que a noite assumisse o comando das luzes, luzes lamparinadas, luzes toscas, transformando ainda mais aquele pátio em um cenário melancólico, em um palco arrepiante das ações humanas mesquinhas e criminosas.

O nome dela era Catarina, o dele Juarez. Eles eram os pais de Rita, Sergio, Ana Lucia, Maria do Carmo, Daniel, Pedro e Rosalvo. Rosalvo não foi vacinado e contraiu poliomielite, também conhecida no glorioso bairro como paralisia infantil.

Apesar do horror das cenas que presenciei, aquela noite no parque foi especial. Uma criança que se perdeu dos pais foi rapidamente encontrada. Nada mais emocionante do que ver o rosto de felicidade de uma criança perdida quando reencontra os pais. Teve um vendedor que me deu uma laranja. Do nada. Eu estava olhando e ele me mandou pegar uma, de graça. Você sabe qual é o gosto de chupar uma laranja de graça? Eu sempre ria dessa palavra enquanto caminhava

sozinho a caminho da escola. *Graça, graça, de graça quero qualquer desgraça.* Depois pensava: *que coisa mais sem graça.*

Comi pipoca, maçã do amor e ouvi muitas músicas românticas, tristes mesmo. Percebi que o amor era um caminhão de tristezas ouvindo as letras das canções. O homem que no dia do casamento de Esmeralda, vestida de véu e grinalda, urrava sua frustração gritando para o mundo que quem devia se casar com ela “era eu, sim, senhor. Quem devia se casar com ela era eu, seu amor”. Mesmo tendo medo destes enredos tenebrosos, eu caçava esse sentimento. Precisava chegar perto do amor. Queria amar como os ébrios das canções, pagar pra ver.

SOBRE O AUTOR

Stepan Nercessian nasceu em 02 de dezembro de 1953, em Goiás. Filho de Karabet Nercessian, armênio, e dona Luiza Nercessian, cearense. Tem quatro irmãs, Armenia, Hayni, Anita e Celina. Casado com Desireé Nercessian, mora no Rio de Janeiro e tem mais de 50 anos de atuação nas artes. Premiado por suas atuações no cinema, na televisão e com passagens marcantes pelo teatro, Stepan também trabalhou como revisor e repórter no Jornal Cinco de Março, em Goiânia. Agora dedicado à literatura, promete outras obras após sua estreia com *Garimpo de almas*.

Copyright © 2021 Stepan Nercessian
Copyright desta edição © 2021 Tordesilhas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1ª de janeiro de 2009.

CAPA Amanda Cestaro

IMAGEM DA CAPA CEDIDA POR Vilmondes Sousa

PROJETO GRÁFICO Cesar Godoy

PREPARAÇÃO Franciane Batagin | Estúdio FBatagin

REVISÃO Carolina Forin e Elisa Martins

1ª edição, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nercessian, Stepan
Garimpo de almas / Stepan Nercessian. – 1. ed. – São Paulo : Tordesilhas Livros, 2021.

ISBN 978-65-5568-013-3

1. Ficção brasileira I. Título.

21-54525

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

2021

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.

Avenida Paulista, 1337, conjunto 11

01311-200 – São Paulo – SP

www.tordesilhaslivros.com.br



/Tordesilhas



/Tordesilhaslivros

blog.tordesilhaslivros.com.br

Tenho inventado muitas histórias a meu respeito. Algumas boas, outras ruins. Ora apareço como herói intergaláctico, inverossímil, ora como um elemento reles, vil. Tenho unhas sujas, dentes amarelados e não desperto desejo sexual em mais ninguém. Meu saldo bancário é um retrato falado de minha existência: ridículo, negativado, tosco.

Não custa lembrar que nem sempre fui assim. Já tive olhos vivos, respiração correta. As meninas me comparavam com artistas famosos. Eu era a cara de Elvis Presley, eu tinha uma pinta no rosto tal qual a Rita Hayworth, que nem sequer tinha pinta no rosto, eu falava bem, feito um Juscelino Kubitschek de Oliveira e, mesmo ruim de bola, tinha vaga no time.

Da vida, nada tenho a reclamar, reclamo é do que fiz com ela.

“A mente do escritor Stepan Nercessian é, antes de tudo, uma mente brasileira de colonização carioca, capaz de rir do que lhe faz mal, como nossos melhores sambistas, chargistas e escritores. O movimento do nosso autor pode ter duas direções distintas, sempre com as mesmas consequências – ou ele parte de uma desgraceira danada para rir-se dela, ou começa rindo da realidade banal para depois elevá-la a tragédia.”

CACÁ DIEGUES